

## 2 O FENÔMENO DA GLOBALIZAÇÃO

O tema da internacionalização das empresas, apesar de não tratar-se de assunto novo, vem sendo objeto de uma série de estudos e debates na atualidade.

O fluxo internacional de bens, serviços, capital financeiro e humano tem sido cada vez mais intenso em boa parte dos países, resultado da crescente orientação internacional dos negócios.

A ida das empresas ao exterior, das mais diversas maneiras possíveis, reflete seu interesse de explorar novos mercados, tirar proveito de oportunidades de negócios e até mesmo a necessidade garantir a sua sobrevivência.

Da necessidade de orientação para as estratégias empresarias, surgem estudos e pesquisas visando conhecer melhor a atividade internacional das empresas, gerando modelos que agregam as principais variáveis presentes no ambiente internacional, seja pela ótica macro (nacional), como em Porter (1993), quanto da firma, como o trabalho de Kotabe (1992).

Porter propõe o estudo do ambiente internacional de negócios a partir da análise das vantagens competitivas que as nações desenvolvem em determinados setores econômicos. Já Kotabe analisa a forma de gerenciamento das EMNCs no que tange a fatores como pesquisa e desenvolvimento, produção e marketing em suas operações internacionais, enfatizando que as interações entre estes elementos na cadeia de valor da empresa seriam a base para o *global sourcing*, ou seja, sua estratégia global.

Desde o início dos anos 90, muito tem sido dito a respeito da globalização no âmbito das empresas (Belli, 1991), que poderia ser definida como a estratégia das grandes empresas de estabelecerem atividades empresariais em diversos pontos do globo, com coordenação na gestão por parte da matriz, de forma a aproveitar de maneira diferenciada as vantagens econômicas características de cada país ou mercado, objetivando otimizar as operações da companhia como um todo (Bartlett e Goshall, 1992).

Como afirma Cleto (1996), existem evidências do incremento do número de filiais estabelecidas em outros países, sob a forma de fábricas, filiais comerciais, *joint ventures*, dentre outras, o que sinaliza uma tendência de

integração cada vez maior das economias existentes. As EMNCs, com seu poder econômico e tecnológico tendem a prosseguir na realocação das atividades produtivas em nível mundial, provocada em grande parte pelo impacto das novas tecnologias de informação e comunicação (Furtado, 1993).

A importância do processo de globalização das atividades empresariais tem sido crescente nos últimos anos, dada a frequência com que vem ocorrendo. Entretanto, uma identificação clara e precisa do fenômeno vem demandando grande esforço de conceituação (Baumann, 1996). A caracterização dos elementos constituintes do fenômeno da globalização, pode ser feita sob diversas óticas dado que este processo afeta diversos aspectos das relações sociais, como afirma este mesmo autor. Quais sejam:

- Do ponto de vista exclusivamente **financeiro**, um maior grau de globalização corresponde a:
  - Um maior volume de recursos transacionados.
  - Um aumento na velocidade de circulação dos recursos.
  - Internação dos dois efeitos anteriormente citados nas diversas economias.
- Do ponto de vista **comercial**, a globalização se traduz no crescimento das semelhanças entre mercados consumidores e homogeneização da estrutura de oferta nos mais diversos países. Esses fatores possibilitam às EMNCs a internalização de ganhos decorrentes da maior escala, da uniformização de técnicas produtivas e gerenciais e da redução do ciclo do produto, concomitantemente com a mudança do foco da competição entre as empresas da concorrência em termos de produtos para a competição em tecnologia de processos (Svetlicic, 1993).
- Do ponto de vista **produtivo**, observa-se uma maior convergência das características do processo produtivo nos diferentes países, com a utilização de técnicas/estratégias administrativas e produtivas semelhantes. Cleto (1996) afirma que não existe consenso em relação aos efeitos da globalização sobre a estrutura produtiva, sendo que alguns autores defendem que a globalização estimula a consolidação de oligopólios em nível mundial e outros apontam para a existência de evidências que questionam esta tendência de concentração em poucas empresas.
- Do ponto de vista **institucional**, a globalização leva ao crescimento das semelhanças na configuração dos diversos sistemas nacionais e à uma convergência dos requisitos de regulação em diversas áreas, gerando uma maior homogeneidade entre países.

- Do ponto de vista **econômico** a globalização vem ocasionando a redução de diversos atributos de soberania econômica e política por parte dos países, sejam eles desenvolvidos ou em desenvolvimento, com interferências até mesmo no alcance dos instrumentos dos governos locais de política econômica.

Em função destes vários entendimentos possíveis para o fenômeno da globalização justifica-se a variedade de conceitos atribuídos ao tema na bibliografia.

O processo de globalização é relativamente recente tendo sua gênese associada à diminuição do dinamismo da economia dos EUA a partir do final da década de 60, simultaneamente ao crescimento das exportações asiáticas e da redução do ritmo de crescimento da produtividade de norte americanos e europeus (Oman, 1994). Mas apenas ao final da década de 80 e início da década de 90 é que o avanço tecnológico em duas áreas chave – comunicação e tecnologia de informação – forneceu condições operacionais para a globalização.

Ao longo dos anos 80 a economia mundial apresentou importantes transformações, atingindo uma etapa de progresso tecnológico e acumulação financeira de capitais sem precedentes. A este grau mais profundo da internacionalização da vida econômica, social, cultural e política, Coutinho (1996) denominou de globalização.

O maior grau de exposição aos mercados internacionais e a maior fluidez de recursos acabaram por reduzir o poder de ação dos governos locais, a partir disto, Baumann (1996) apresenta alguns paradoxos da globalização, com destaque para:

- A crescente importância das políticas nacionais voltadas à adaptação dos sistemas produtivos a uma maior interdependência com outras economias, como estabilidade de preços, capacitação para geração e difusão de tecnologia, direcionamento da poupança interna para atividades produtivas, em contraposição às pressões externas que dificultam a identificação de objetivos puramente nacionais.
- A coexistência de um processo de globalização com uma crescente regionalização. Segundo este autor, a globalização é um processo associado ao movimento de fatores de produção e de empresas, enquanto que o regionalismo está relacionado com a preservação e estímulo a valores locais. A globalização é impulsionada por fatores micro-econômicos enquanto a regionalização é determinada basicamente por fatores políticos. Melhorias

nos transportes e comunicação estimulam a globalização por gerarem uma homogeneização dos mercados, enquanto que a preservação de valores locais induz a fragmentação desses mercados.

Do ponto de vista das nações, têm sido comum a apresentação por vários autores acadêmicos, analistas econômicos e representantes da área governamental, da idéia de que mercados regionais seriam futuros substitutos dos mercados atuais de exportação, os quais, segundo a lógica da regionalização, estariam cada vez mais fechados a parceiros econômicos de fora do bloco, em benefício dos sócios vizinhos. Cleto (1996) citando Touraine (1996), por exemplo, coloca que a fragmentação progressiva do mercado mundial em zonas de influência tais como a da Rússia, China, Índia e Mercosul, põe em dúvida o sucesso da globalização.

Entre as causas do fortalecimento da idéia de que os blocos regionais estão cada vez mais organizados e fortes, está, talvez, a dificuldade de acordos entre os países nos grandes foros internacionais, onde a dificuldade de se estabelecer regras multilaterais para o comércio internacional frustra os participantes, levando-os a conversações e acordos de caráter bi, tri ou pluri-laterais (Almeida, 1993).

Independente dos rumos do processo de globalização, deve-se assumir o fato de que a globalização econômica mundial hoje é uma realidade, e representa uma enorme fonte de oportunidades e ameaças para empresas de todas as nações.

## **2.1. Comércio Mundial e Investimento Direto no Exterior**

As Tabelas 1 e 2 mostram a evolução dos percentuais de exportação e importação da tríade EUA, Japão e CEE (Comunidade Econômica Européia)<sup>3</sup> e do Brasil, para alguns anos selecionados:

---

<sup>3</sup> CEE inclui: Bélgica, Luxemburgo, Dinamarca, França, Alemanha, Grécia, Irlanda, Itália, Holanda, Portugal, Espanha e Reino Unido (para efeito de comparação com os anos anteriores, este agrupamento de países foi mantido, apesar de hoje, somados a outros países europeus, formarem a União Européia).

Região	1950	1960	1970	1980	1985	1990	2002
<b>Mundo</b>	<b>100,0%</b>						
EUA	16,7%	15,8%	13,7%	11,0%	11,3%	11,5%	10,8%
CEE <sup>1</sup>	27,7%	33,2%	36,7%	34,0%	33,6%	39,3%	35,0%
Japão	1,3%	3,1%	6,1%	6,5%	9,1%	8,4%	6,5%
Brasil	2,2%	1,0%	0,9%	1,0%	1,3%	0,9%	0,9%
Outros	52,1%	46,9%	42,6%	47,5%	44,7%	39,9%	46,8%

Fonte: 1950 a 1990: Adaptado de Cleto, 1996. 2002: Adaptado do UNCTAD Hanbook of Statistics 2003.

(1) Este agrupamento de países foi responsável em 2002 por 91.6% do total das exportações da União Européia.

Tabela 1 - Participação das Exportações (FOB) por País/Região no Total Mundial.

Região	1950	1960	1970	1980	1985	1990	2003
<b>Mundo</b>	<b>100,0%</b>						
EUA	13,9%	11,1%	12,2%	12,5%	17,9%	14,5%	18,3%
CEE <sup>1</sup>	32,3%	34,1%	37,8%	37,2%	32,7%	39,5%	33,0%
Japão	1,5%	3,3%	5,8%	6,8%	6,4%	6,6%	5,1%
Brasil	1,7%	1,1%	0,9%	1,2%	0,6%	0,6%	0,7%
Outros	50,6%	50,4%	43,3%	42,3%	42,4%	38,8%	42,8%

Fonte: 1950 a 1990: Adaptado de Cleto, 1996. 2002: Adaptado do UNCTAD Hanbook of Statistics 2003.

(1) Este agrupamento de países foi responsável em 2002 por 92.4% do total das importações da União Européia.

Tabela 2 - Participação das Importações (CIF) por País/Região no Total Mundial.

Analisando-se as tabelas anteriores, pode-se observar que o nível do comércio entre os três grandes pólos econômicos do planeta, foi crescente entre 1950 e 1990, quando em conjunto respondiam por aproximadamente 60% de tudo que era importado e exportado no mundo. Entre 1990 e os anos mais recentes esta participação relativa de EUA, Japão e países da antiga CEE (que hoje representam mais de 90% do comércio internacional da UE) reduziu-se, mas ainda assim responderam por mais da metade do total das transações internacionais em 2002.

Países em desenvolvimento como a China (incluindo Hong Kong), cuja participação no volume total de importações e exportações mundiais estava próxima de 2% em 1980, vêm tomando o espaço das grandes potências econômicas, já respondendo em 2002 por cerca de 8% do comércio internacional global (UNCTAD Hanbook of Statistics, 2003),

Vale destacar a pequena participação do Brasil, tanto nas exportações, quanto nas importações, em relação ao total mundial. Comparativamente aos outros países em desenvolvimento, o Brasil, foi superado na sua participação por países asiáticos, como Coreia do Sul, Tailândia, Singapura e Malásia, a partir do início dos anos 90.

Ao longo do período de 1980-2002 o IDE se expandiu a uma taxa média anual de 12%. A partir do início da década de 90 o ritmo crescimento dos IDE em países em desenvolvimento acelerou-se e atingiu volume expressivo em termos de valor investido.

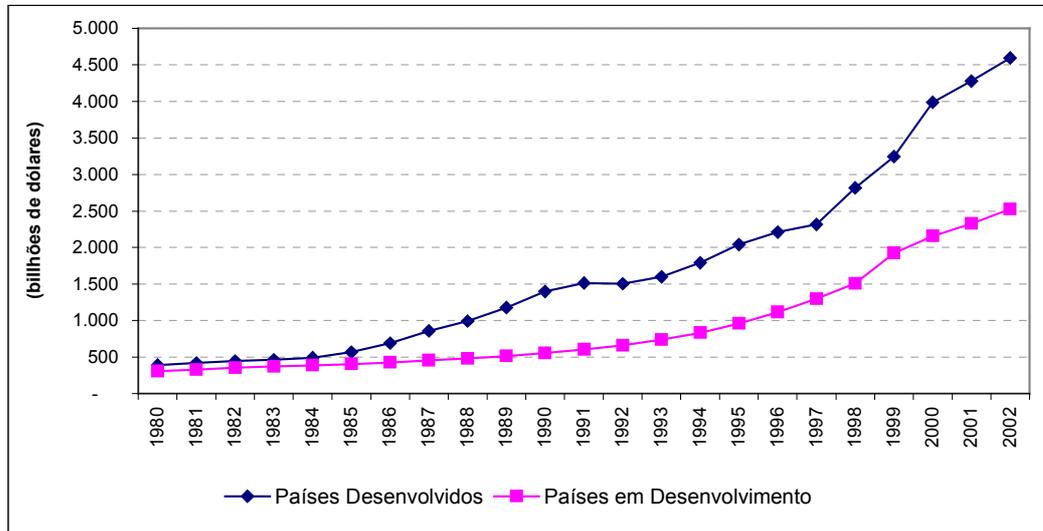


Figura 2 - Evolução do Estoque de IDE nos Países de Destino - Desenvolvidos e Em Desenvolvimento.

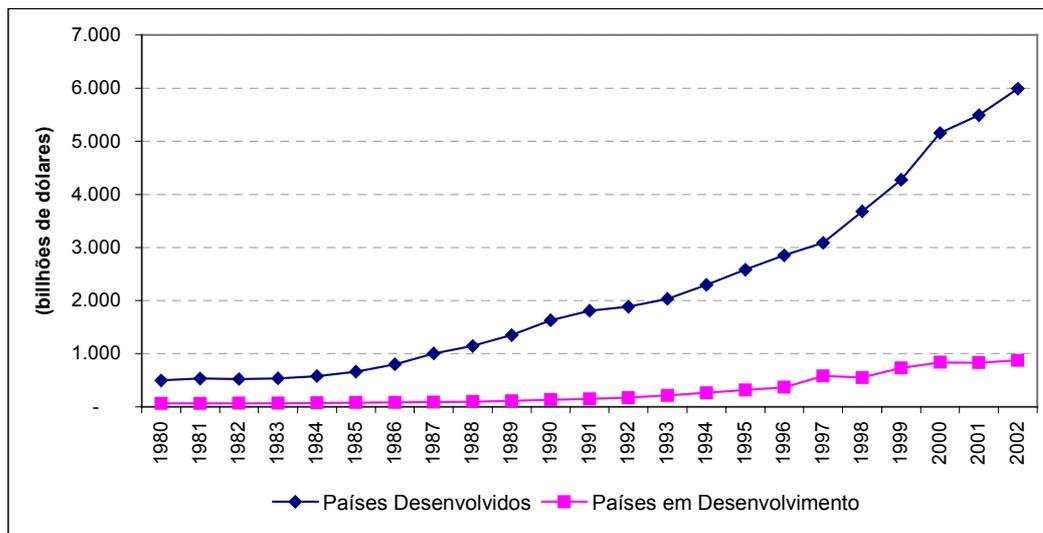


Figura 3 - Evolução do Estoque de IDE por Países de Origem - Desenvolvidos e Em Desenvolvimento.

No que tange à realização de IDEs, os países desenvolvidos continuam abrigando a maior parte da EMNCs do globo, mas merece destaque o fato de que as empresas de países em desenvolvimento têm ocupado maior espaço no cenário internacional, sobretudo a partir dos anos 90.

## 2.2.

### Evolução e Tendências do Investimento Direto no Exterior

Desde o início da década de 90 tem havido uma mudança na distribuição geográfica e industrial do IDE. Cleto (1996) afirma que inicialmente o IDE tinha por objetivo, via de regra, a busca de recursos básicos em países em desenvolvimento, tais como mão-de-obra, energia, matéria-prima e outros, baseando-se na experiência adquirida na produção de bens e em formas mais simples de acumulação tecnológica.

Posteriormente, conforme coloca este mesmo autor, o IDE tem objetivado estabelecer unidades produtivas em países desenvolvidos e em mercados mais sofisticados, os quais encerram formas mais importantes e complexas de acumulação tecnológica. Estes mercados, normalmente com elevada concorrência, apresentam empresas com elevada capacitação tecnológica. Quem se habilita a competir neles, adquire condições para atuar em qualquer mercado (Porter, 1993).

Tal constatação justifica o aumento do percentual do estoque de IDE em Países Desenvolvidos, subindo 34,3% em 1938 (Cleto, 1996) para 71,6% em 1990 e 64,5% em 2002, do total investido nos países de destino, conforme a tabela 3, a seguir:

	1980	1985	1990	1995	2000	2002
Países Desenvolvidos	56,0	58,4	71,6	68,0	64,9	64,5
Países em Desenvolvimento	44,0	41,6	28,4	32,0	35,1	35,5
<b>Mundo</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: World Investment Report 2003.

Tabela 3 - Estoque global percentual estimado de IDE por grupo de país de destino.

A evolução dos percentuais dos países desenvolvidos no destino do IDE mundial evidencia a concentração que a economia mundial vem apresentando desde o início da década de 40 (Cleto, 1996), mas também sugere uma pequena mudança na estrutura do IDE em relação à origem dos recursos. Países em desenvolvimento estão ganhando cada vez mais condições de se engajar em atividades de produção internacional e desafiar mais antigas e melhores estabelecidas EMNCs dos países desenvolvidos, exportando capital e tecnologia, através da identificação de nichos mercadológicos rentáveis.

A elevação do percentual do estoque de IDE com origem em PED (Países Em Desenvolvimento) passou de 0,8% em 1960 (Cleto, 1996) para 7,6% em 1990 e 12,8% em 2002 conforme a Tabela 4. Este fenômeno pode ser explicado por diversos fatores, como aponta a revisão bibliográfica realizada para este

trabalho, mas de forma geral pode-se admitir que a capitalização elevada que algumas empresas ou grupos industriais nestes países alcançaram teve papel determinante.

	1980	1985	1990	1995	2000	2002
Países Desenvolvidos	88,5	89,5	92,4	89,1	86,0	87,2
Países em Desenvolvimento	11,5	10,5	7,6	10,9	14,0	12,8
<b>Mundo</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: World Investment Report 2003.

Tabela 4 - Estoque global percentual estimado de IDE por grupo de país de origem

Em relação ao destino e origem dos IDEs no mundo a Tabela 5 fornece uma noção de seu estoque em 2002, bem como sua distribuição geográfica<sup>4</sup>.

País/região de Destino	Estoque de IDE (US\$ milhões)	
	Destino	Origem
<b>Mundo</b>	<b>7.122.350</b>	<b>6.866.362</b>
<u>Países Desenvolvidos</u>	<u>4.594.850</u>	<u>5.987.746</u>
EUA	1.351.093	1.501.415
Japão	59.646	331.596
União Européia	2.623.903	3.434.297
Outros Desenvolvidos	560.208	720.438
<u>Países em Desenvolvimento</u>	<u>2.527.500</u>	<u>878.616</u>
África	170.876	43.574
Argentina	76.992	19.407
Brasil	235.908	53.227
Centro-Leste Europeu	187.868	29.152
Chile	46.296	13.439
China	447.892	35.538
Coréia do Sul	43.689	43.500
Hong Kong (China)	433.065	370.296
Malásia	56.505	20.194
México	154.003	12.425
Singapura	124.083	71.336
Outros em Desenvolvimento	550.323	166.528

Fonte: World Investment Report 2003.

Tabela 5 - Estoque de IDE em US\$ milhões, por país/região de origem e de destino.

<sup>4</sup> Deve-se observar que o estoque total mundial por países de destino e de origem dos investimentos no exterior não são exatamente os mesmos pelo fato da população pesquisada no WIR – 2003 não corresponder à totalidade dos países com IDE no mundo.